

CARTAS SOBRE KLAXON

Ana Maria Formoso Cardoso e Silva

anaformoso@ig.com.br

“Não viverá um ano...” era a predição – ou maldição – que fechava uma pequena nota anônima publicada na revista *Fon-Fon* de 3 de junho de 1922 a respeito de *Klaxon*, o veículo pelo qual os modernistas recém-saídos da Semana de Arte Moderna passaram a expor, defender, refinar e cultivar os ideais ainda imprecisos mas convictamente proclamados em fevereiro do mesmo ano no Teatro Municipal de São Paulo. De fato, o periódico lançado três meses depois desse evento, a 15 de maio, resistiria apenas até o número duplo 8/9, que cobria os meses de dezembro de 1922 e janeiro de 1923. O mero fato do seu desaparecimento, porém, não permite ver que o trabalho em torno de sua confecção e divulgação continuou por algum tempo e que, portanto, a desistência não se deu sem resistência. As cartas trocadas entre os autodenominados “klaxistas” revelam este e outros pontos dos bastidores da revista, além de ajudarem a detalhar o quadro das relações entre os modernistas de primeira hora e destes com os seus opositores intelectuais.

Parte dessa história manuscrita em papéis que viajaram de mãos a mãos modernistas já pode ser apreciada em livro, sobretudo nas cuidadosas edições da Coleção Correspondência de Mário de Andrade, que, ao reconstituírem os diálogos epistolares entre o autor de *Macunaíma* e outros escritores, são pontuadas por referências a *Klaxon*. O monumental volume da correspondência com Manuel Bandeira, organizado por Marcos Antonio de Moraes, e o recentíssimo livro em que Pedro Meira Monteiro apresenta as cartas trocadas com Sérgio Buarque